

INTEGRAÇÃO HISTÓRICO-ARQUEOLÓGICA NA RECONSTRUÇÃO DA PRESENÇA TUPI NOS SERTÕES

THE HISTORICAL-ARCHAEOLOGICAL INTEGRATION IN THE RECONSTRUCTION OF THE TUPI PRESENCE IN THE HINTERLANDS

Suenia Karcia Freitas Paulino

Sívylla Sauanny Araujo de Melo

Raissa Evelyn Lacerda de Araujo

Juvandi de Souza Santos

RESUMO

Este artigo explora a presença Tupi no sertão da Paraíba por meio de uma abordagem interdisciplinar, que combina evidências históricas e arqueológicas para compreender como esses povos se adaptaram e interagiram no ambiente semiárido. O estudo justifica-se pela necessidade de desafiar a visão tradicional de que o sertão era habitado exclusivamente por povos não-Tupi, os chamados Tapuias. A análise inclui principais achados arqueológicos, como fragmentos de cerâmica e ferramentas, e contribuições de fontes coloniais, oferecendo uma perspectiva ampla sobre a mobilidade e estratégias de subsistência dos Tupi na região. A discussão destaca como a integração dos dados históricos e arqueológicos enriquece a compreensão da diversidade cultural e territorial indígena, promovendo uma visão mais complexa da ocupação do sertão. Conclui-se que a abordagem interdisciplinar proporciona uma leitura mais completa e justa da história Tupi, revelando a importância dos povos indígenas na formação do sertão paraibano.

Palavras-Chave: Tupi; Sertão paraibano; Abordagem interdisciplinar

ABSTRACT

This article explores the presence of the Tupi people in the Paraíba hinterlands through an interdisciplinary approach, combining historical and archaeological evidence to understand their adaptation and interaction within the semi-arid environment. The study is justified by the need to challenge the traditional view that the hinterlands were exclusively inhabited by non-Tupi groups,



known as Tapuias. The analysis includes key archaeological findings, such as ceramic fragments and tools, alongside colonial sources, providing a broad perspective on the Tupi's mobility and subsistence strategies in the region. The discussion emphasizes how integrating historical and archaeological data enriches the understanding of indigenous cultural and territorial diversity, promoting a more complex view of the hinterland occupation. The conclusion shows that the interdisciplinary approach offers a more complete and fair reading of Tupi history, revealing the importance of indigenous peoples in shaping the Paraíba hinterlands.

Keywords: Tupi; Paraíba hinterlands; Interdisciplinary approach.

1 INTRODUÇÃO

1.1 JUSTIFICATIVA DO TEMA E OBJETIVOS DO ESTUDO

O estudo da presença dos povos Tupi no sertão paraibano é uma forma de mergulhar nas raízes da ocupação indígena do Brasil, revelando a diversidade cultural e territorial que já existia muito antes da chegada dos europeus. Analisar essa presença a partir de uma integração entre história e arqueologia nos permite enxergar mais de perto como os Tupi não só sobreviveram, mas prosperaram em um ambiente desafiador como o sertão. Essa pesquisa tem como objetivo principal ampliar nossa compreensão sobre o modo como os Tupi viviam, exploravam a natureza e interagiam com outros grupos indígenas e com os colonizadores, que mudariam profundamente seu modo de vida.

Esse olhar interdisciplinar é especialmente relevante porque nos dá a chance de valorizar tanto as evidências materiais, os vestígios deixados no solo, quanto as narrativas históricas. Ao cruzar essas fontes, é possível criar uma visão mais completa e rica da presença Tupi no interior da Paraíba, construindo uma narrativa mais justa e detalhada sobre os povos indígenas que ajudaram a moldar a história do sertão.

1.2 BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO DOS TUPI NO SERTÃO PARAIBANO

Apesar de serem mais conhecidos por sua presença nas áreas litorâneas, os Tupi também ocupavam o sertão paraibano, onde desenvolveram estratégias específicas de sobrevivência e adaptação. Em meio ao clima semiárido, eles aprenderam a explorar os ciclos da natureza e a se ajustar às condições locais, utilizando métodos de caça, coleta, agricultura e pesca nos cursos d'água temporários. A mobilidade era uma característica marcante dos Tupi: ela lhes permitia não apenas explorar os recursos do sertão em diferentes épocas do ano, mas também adaptar-se às mudanças sazonais.

Essa presença dos Tupi no sertão desafia a visão limitada de que os indígenas ocupavam apenas o litoral e os locais de fácil acesso. Ao entender essa adaptação e mobilidade, abrimos espaço para uma visão mais plural da distribuição dos povos indígenas pelo Brasil, revelando a profundidade e complexidade de suas relações com a terra e com outros grupos.



2 FUNDAMENTAÇÃO TEORICA E METODOLÓGICA

2.1 INTEGRAÇÃO DE FONTES HISTÓRICAS E ARQUEOLÓGICAS

A combinação entre dados históricos e arqueológicos é uma ferramenta poderosa para reconstruir a presença dos Tupi no sertão paraibano. As evidências arqueológicas, como fragmentos de cerâmica, ferramentas e estruturas, nos trazem informações concretas sobre a vida cotidiana dos Tupi, suas práticas culturais e a forma como se relacionavam com o ambiente ao redor. Essas pistas materiais nos ajudam a imaginar como esses povos organizavam suas comunidades, distribuíam tarefas e se adaptavam ao clima do sertão.

Já as fontes históricas, relatos dos primeiros exploradores e missionários, nos dão um complemento, contando como os Tupi foram vistos e retratados pelos colonizadores. Embora esses relatos nem sempre sejam imparciais, eles trazem detalhes valiosos sobre os primeiros contatos, os conflitos e as trocas culturais que surgiram com a chegada dos europeus. Ao unir essas duas perspectivas, conseguimos uma narrativa mais equilibrada, que respeita tanto a visão indígena quanto a visão registrada pelos colonizadores.

2.2 LIMITES E POTENCIALIDADES DA ABORDAGEM INTERDISCIPLINAR

Integrar a história e arqueologia tem desafios e possibilidades. Uma das limitações é o viés presente nas fontes coloniais, que muitas vezes apresentam os indígenas de forma estereotipada, ajustando-se aos interesses da época. Esses relatos precisam de uma leitura cuidadosa e crítica, para que possamos separar a visão distorcida da realidade vivida pelos Tupi.

No entanto, essa integração é também cheia de potencial, pois a arqueologia nos permite preencher muitas lacunas deixadas pelos relatos históricos. Ao trazer à tona as evidências materiais, temos uma chance de entender aspectos que os cronistas ignoraram, como a vida cotidiana, a organização familiar e as práticas ambientais dos Tupi. Essa abordagem interdisciplinar nos leva a uma visão mais próxima e detalhada da história indígena, nos ajuda a valorizar a memória dos povos originários e contribui para uma compreensão mais humana e completa do sertão da Paraíba.

EVIDÊNCIAS DA PRESENÇA TUPI NO SERTÃO PARAIBANO

PRINCIPAIS ACHADOS ARQUEOLÓGICOS

A investigação sobre a presença Tupi no sertão da Paraíba revela uma ocupação complexa e sistemática por parte deste grupo indígena em áreas tradicionalmente associadas a povos de matriz não Tupi, como os Cariris e Tapuias. O estudo arqueológico associado às fontes documentais históricas tem sido essencial para elucidar a amplitude e a natureza dessa presença, indicando um cenário de profunda interação entre diferentes grupos indígenas em uma região anteriormente considerada periférica à ocupação Tupi.

Entre os achados arqueológicos, as cerâmicas são especialmente relevantes, com evidências estilísticas que remetem aos padrões Tupi, como as incisões geométricas e o uso de pinturas com elementos iconográficos específicos, que diferem das tradições cerâmicas de outros grupos nativos da região onde hoje se encontra o território brasileiro. O pesquisador Brocado (1989) e Noelli (1996) (apud Souza, 2024), propõem que a cerâmica Tupi é a principal fonte que determina a presença do grupo indígena por todo o Brasil, portanto, coincide com antigas e novas áreas assentadas pelos Tupis. Dessa maneira, tais achados indicam não apenas uma passagem, mas uma ocupação estruturada e adaptada às condições do sertão, por exemplo, as urnas funerárias.



URNA URNA FUNERÁRIA RESGATADA NO SÍTIO MOCONHA, SERRA GRANDE (PB).
FOTO: JUVANDI DE SOUZA SANTOS (ARQUIVO PESSOAL)

A presença de urnas funerárias sugere um enraizamento cultural que supera a ideia de ocupação temporária e demonstra uma sedimentação de práticas sociais que consolidaram a presença Tupi. Os vestígios encontrados apontam para práticas agrícolas orientadas à produção de mandioca e milho, demonstrando um processo de adaptação ecológica que conferiu aos Tupis uma ocupação efetiva e duradoura no sertão.

Segundo Santos (2024) as provas materiais encontradas em intervenções arqueológicas, têm se provado evidências da presença Tupi no interior paraibano. Recentemente, em 2020 com ajuda da população local, e a partir do incentivo de um projeto com alunos da escola municipal E.M.E.I. F Maria Cândido de Oliveira, orientada pelo professor Djalma Dantas, mestrando em história pela Universidade Regional do Cariri (Urca), foram achados mais vestígios, objetos de tecelagem indígena do grupo Tupi, em Cachoeira dos Índios, no sertão da Paraíba. Embora, não se tenha ainda informações sobre a quantidade de peças encontradas, porque o projeto aguarda por uma autorização do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) para iniciar as investigações, como também, as escavações no local; no ano de 2023, o arqueólogo, historiador, paleontólogo e espeleólogo Juvandi de Souza Santos credenciado do IPHAN e professor da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), conseguiu catalogar e investigar no laboratório da UEPB na cidade de Campina Grande -PB e sendo comprovada sua origem Tupi.



VESTÍGIOS TUPI ENCONTRADOS NA ZONA RURAL DE CACHOEIRA DOS ÍNDIOS (PB).
FOTO: JUVANDI DE SOUZA SANTOS (ARQUIVO PESSOAL)

CONTRIBUIÇÕES DAS FONTES HISTÓRICAS COLONIAIS

A arqueologia exerce um papel essencial para o entendimento da história, permitindo acesso a informações que não se encontram em registros escritos. Funari e Noelli (2001) destacam que essa ciência expande os horizontes históricos ao investigar vestígios materiais deixados por sociedades antigas, cujas histórias muitas vezes não foram documentadas em fontes textuais. Dessa maneira, a arqueologia permite a reconstrução de diversos aspectos da vida humana, como o cotidiano, as economias e as relações sociais, revelando-nos uma perspectiva mais abrangente das experiências humanas ao longo da História.

No estudo sobre a presença tupi no interior da Paraíba, o autor Juvandi de Souza Santos (2024) exemplifica como a arqueologia contribui para desvendar a complexidade dos processos de ocupação e movimentação de populações no sertão nordestino, algo pouco abordado pela historiografia tradicional. O autor observa que as escavações e a análise de artefatos auxiliam a identificar traços culturais específicos, revelando uma diversidade cultural entre as populações indígenas que desafia a visão homogênea muitas vezes assumida. Esses dados concretos, portanto, complementam a história escrita e oferecem novos ângulos para interpretar as culturas pré-coloniais.

Relatos de cronistas e documentos coloniais dos séculos XVI e XVII complementam as evidências arqueológicas sobre a expansão Tupi para o interior nordestino. Cronistas como Pero de Magalhães Gândavo e Gabriel Soares de Souza descrevem a mobilidade dos Tupis, motivada por tensões interétnicas e pela evasão da colonização portuguesa. Como o trecho a seguir nos mostra:

Os quais tupinaés nos tempos antigos viveram ao longo do mar, como fica dito no título dos tupinambás, que os lançaram dele para o sertão, onde agora vivem, e terão



ocupado uma corda de terra de mais de duzentas léguas; mas ficam entressachados com eles, em algumas partes, alguns tapuias, com quem têm também contínua guerra. (SOARES, 1879, apud Souza 2024, p. 283)

Esses registros indicam que os Tupis não apenas migraram, mas consolidaram práticas culturais e econômicas, interagindo com grupos como os Cariris e participando de redes de interações que ligavam o litoral ao sertão. Assim, as evidências reforçam que os Tupis estabeleceram uma presença relevante no sertão paraibano, questionando a visão de uma ocupação restrita ao litoral.

ANÁLISE E DISCUSSÃO

4.1 IMPACTOS DA ABORDAGEM INTERDISCIPLINAR NA COMPREENSÃO DOS TUPI

Desde a chegada dos europeus a estas terras, que se é retratado os costumes e características diferentes de cada povo, os próprios colonizadores já se preocupavam em descobrir quais os costumes daqueles povos, pois essas diferentes formas de reação desses grupos, funcionava como certos “guias”, para direcionar as estratégias de dominação que viriam a ser tomadas pelos colonizadores. Era importante para eles, terem conhecimento de qual povo daria para fazer alianças, quais povos seriam os mais arredios, quais seriam mais “mansos” para a catequização, quais brigas internas existiam entre eles, e que de certa forma os europeus podiam se aliar, ou seja, se nota que ter conhecimento dessas singularidades, serviu como pilar fundamental para dominação do território brasileiro como um todo. Essas diferentes nações indígenas já são relatadas pelo cronista Gabriel Soares, em seu tratado descritivo do Brasil.

Há muitas ilhas grandes e pequenas quasi todas povoadas de gentio de diferentes nações e costumes, e muito d'elle costuma pelejar com setas hervadas. Mas toda a gente que por estas ilhas vive, anda despida ao modo do mais gentio do Brasil e usam dos mesmos mantimentos e muita parte dos seu costumes... (SOARES, 1587, p. 32)

É bom lembrar que os portugueses não eram os únicos a estabelecer essas relações, o Brasil durante a pré-colonização e colonização, foi palco de disputas entre holandeses, franceses e portugueses, ambos com um mesmo objetivo central, porém com peculiaridades diferentes. Há inúmeras descrições desses grupos nativos que tiveram esse primeiro contato (os das áreas litorâneas) registrados nos relatos dos cronistas, logo se percebeu que as formas de reação dos ocupantes do litoral não era a mesma dos habitantes do interior, com isso, fica clara uma grande divisão estabelecida entre esses habitantes. Entretanto, é importante perceber as lacunas que esses relatos trazem, lacunas essas, sendo algumas propositais.



Além dessa leitura consciente que se deve ter ao ler os cronistas, entra um outro ponto, que é justamente sobre a parcialidade das narrativas, quando se trata da ocupação indígena tupi comprovada também nos sertões, essa narrativa não anula a existência desses grupos no litoral. O que será tratado é justamente uma nova abordagem ou recontagem da história da ocupação desses povos, isso porque essas divisões indígenas não podem ser traçadas de forma tão exata, pois ocorreram de forma sistemática, ou seja, sempre havia movimentações entre eles de acordo com as necessidades que vinham sempre surgindo.

4.2 COMPLEMENTARIDADE ENTRE OS DADOS HISTÓRICOS E ARQUEOLÓGICOS

Contudo já descrito, é notável que há duas bases que possibilitam esses estudos sobre a ocupação indígena tupi serem realizados, que são traçadas justamente pela complementação dos relatos dos cronistas, junto com as evidências materiais, que são as escavações arqueológicas realizadas no interior da Paraíba. Essa complementação é fundamental para poder se recontar essa história da ocupação, isso porque esses vestígios materiais (sendo principalmente urnas funerárias e tigelas) com suas datações trazem à tona a comprovação de sua antiguidade em relação aos povos litorâneos, pois desde muitos anos se acreditava na teoria de que os indígenas de tronco étnico-linguístico-cultural tupi subiram aos sertões motivados apenas como rotas de fuga, ocasionadas com a chegada dos europeus, que podia sim uma parte ter realmente fugido, porém as datações mostram que a ocupação dos sertões pelo povo tupi é anterior a chegada dos próprios colonizadores as terras brasileiras. Ainda sim, essa tese já derrubada, pode ser notada no relato escrito pelo cronista Pero Magalhães, em seu Tratado da Terra do Brasil, que mostra inclusive as “traições” indígenas, evidenciando que sim, eles tinham certa autenticidade para fazer acordos, ao mesmo passo que os desfaziam também..

Junto delas havia muitos índios quando os portugueses começaram de as povoar: mas porque os mesmos índios se levantavam contra eles e lhes faziam muitas trações, os governadores e capitães da terra destruíam-nos pouco a pouco, e mataram muitos deles: outros fugiram para o sertão (MAGALHÃES, 1570, p.99).

Outra tese que cai por terra, é a ideia de que os povos tupis se limitavam apenas ao litoral, tese essa, que foi desmistificada graças as pesquisas e evidências arqueológicas. O mesmo vale para os tapuias, que por muito tempo se acreditava que eles não “conheciam” o litoral, mas a descida deles durante a época “cajueira” desmistifica isso, eles desciam ao litoral para fazer justamente essa colheita de caju e depois subiam de volta aos sertões. Com isso, é possível entender, que essas relações das ocupações indígenas são bem mais complexas do que se imagina, e que ainda há muitas áreas a frente para serem pesquisadas. Atualmente já foram escavados mais de 21 sítios arqueológicos, localizados nos sertões paraibanos (como: Pilões, Pilõezinhos, Serra Grande..), e em todos eles foram encontradas evidências/materiais característicos tupis.

Essas evidências materiais comprovam e levantam questões para além de apenas sua presença no



interior. Essas descobertas trazem informações sobre suas culturas, suas diferentes formas de sobreviver, suas organizações sociais para poderem estabelecer relações de vivência mesmo, pois dentro de áreas tão árduas como os sertões paraibanos, fica evidente a alta capacidade de adaptação desses povos, como que esses grupos conseguiram sobreviver e resistir é um dos questionamentos que mais germinam. Além de serem grupos que sofreram certo preconceito por parte dos colonos, pois suas formas próprias de resistências foram essenciais e obtidas através de suas vivências nos sertões, como por exemplo: a alta agilidade de fugas pelas serras, que até então não era dominada pelos portugueses, foi o que lhes “diferenciaram”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os impactos dessas novas discussões e abordagens históricas arqueológicas sobre a ocupação dos povos tupis, esta presente justamente na possibilidade de recontagem dessa história. Surgindo assim uma nova narrativa, que por sua vez não se limita apenas à questão dos povos tupis propriamente ditos, mas que envolve toda uma nova compreensão sobre as relações sociais deles com outros grupos indígenas distintos, que impactam também nas novas formas de ler os cronistas. A informação sobre a presença tupi também possibilita a mudança (de certa forma) de algumas teses, que foram desenvolvidas até aqui.

Essas quebras de divisões são de suma importância para a compreensão não só dos povos tupis, mas também de outros grupos relacionados, como por exemplo: colocar os povos tupis como habitantes apenas do litoral e os tapuias como habitantes apenas dos sertões é um equívoco, que era tratado até antes dessas novas abordagens e pesquisas sobre essas habitações. Isso percorre em questões que partem para além de relações do grupo apenas como individual, mas que implicam também nas questões de relações simultâneas entre eles e seus grupos inimigos, com isso é aberta a visão também sobre as formas diferentes formas de reação deles com os colonos.

É importante ter essa nova percepção de ocupação indígena, até para poder se localizar melhor dentro das narrativas colônias e nativas, assim como abre também possibilidade para desenvolvimento de novas teses sobre o assunto. Essa discussão resulta da combinação de fontes documentais de cronistas e das recentes descobertas arqueológicas no sertão paraibano, que preenchem lacunas históricas, portanto, ampliam o entendimento sobre os povos indígenas que habitaram a região brejeira.

REFERÊNCIAS

FUNARI, P. P. A.; NOELLI, F. S. Arqueologia da América do Sul. São Paulo: Contexto, 2001. 254 p.



G1 Paraíba. Vestígios indígenas Tupi são encontrados em Cachoeira dos Índios, no Sertão da PB. G1, Paraíba, 11 jul. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2023/07/11/vestigios-indigenas-tupi-sao-encontrados-em-cachoeira-dos-indios-no-sertao-da-pb.ghtml>. Acesso em: 28 out. 2024.

MAGALHÃES, Pero. Tratado da Terra do Brasil: história da província santa cruz. Capítulo III: DAS CAPITANIAS E POVOAÇÕES DE PORTUGUESES QUE HÁ NESTA PROVÍNCIA, 1580. p. 99

<https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/188899/Tratado%20da%20terra%20do%20Brasil.pdf>. Acesso em 30 out. 2024.

SANTOS, Juvandi de Souza. A Presença Tupi no Interior (Sertões) da Paraíba: Uma Abordagem Histórica-Arqueológica. Em: Tapuias e Tupi nos Sertões da Paraíba: Uma Releitura da Ocupação Indígena Pretérita/ Juvandi de Souza Santos. 1 Ed. Campina Grande – PB: Gráfica Cópias e Papéis, 2024. p. 276-313.

SOARES, Gabriel. Tratado Descritivo do Brasil: Em que se declara o principio d'onde começa a correr a costa do Estado do Brasil. Capítulo III, 1587. p. 06. Disponível em: [file:///C:/Users/Raissa/Downloads/000088617%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/Raissa/Downloads/000088617%20(2).pdf). Acesso em 30 out. 2024.